

PEIXOTO, José Luís. *Livro*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 283 p.

Patricia Resende Pereira
Universidade Federal de Minas Gerais

Após a leitura de *Livro*, é possível afirmar, mesmo sob o risco de elaborar uma frase bastante repetitiva, mas necessária, que *Livro* é um livro sobre o livro. O romance, escrito pelo português José Luís Peixoto e publicado pela Companhia das Letras no Brasil em 2012, tem como ponto central o objeto que lhe empresta o título: o livro, personagem tão vivo na obra quanto os habitantes da vila portuguesa onde se passa parte da história.

É com o livro que Ilídio e Adelaide dividem o posto de protagonistas da narrativa, condição anunciada logo na primeira frase da obra, quando se lê: “A mãe pousou o livro nas mãos do filho¹”. E esse objeto, tão pouco significativo para Ilídio, então com seis anos de idade no começo da história, torna-se a única recordação de mãe, que o abandona sem qualquer justificativa aos cuidados do pedreiro Josué.

Filho de pai desconhecido, Ilídio segue a vida e, por vezes, lembra-se do livro, como se a mãe, mesmo sumida, ainda estivesse ao seu lado. Esse vínculo com o objeto torna-se ainda mais claro quando o rapaz se apaixona por Adelaide e dá de presente para a namorada o livro que lhe foi entregue pela mãe.

¹ PEIXOTO, 2012, p. 09.

Sem aprovar o relacionamento, no entanto, a tia da moça manda a sobrinha para a França, fazendo com que o livro se transforme para Adelaide no que foi um dia para Ilídio: a lembrança de alguém que, por vontade própria ou não, foi embora de sua vida.

Ambientado em Paris, onde a moça passa a viver a partir da década de 1960, e em uma vila sem nome no interior de Portugal, *Livro* transita entre os dois cenários com relativa facilidade. Isso porque, antes de dividir seu foco com a capital francesa, o narrador dedica-se a montar um retrato do povoado, explicando detalhes do surgimento de alguns lugares, como, por exemplo, o Posto da Guarda, construído por razões políticas e que, talvez por isso mesmo, jamais teve um guarda, pois a vila era considerada pequena e sem importância demais para ter um.

Esse recurso torna possível uma proximidade entre leitor e a vila sem nome, algo que fica ainda mais forte por que o escritor cria algumas figuras que, mesmo sem a importância dos personagens centrais ou mesmo secundários, contribuem ainda mais para a atmosfera de interior – e a presença delas, mencionadas nas passagens ambientadas apenas em Portugal, colabora para o contraste com Paris, cidade grande onde ninguém se conhece. Tais personagens que transitam pelo lugarejo são de grande simplicidade, tal como o bêbado da cidade, chamado lá de Aquele de Sorna, ou a quase mítica d. Milú, senhora de quem jamais se lê uma única linha de diálogo, mas sabe-se de suas atitudes pelo narrador, da mesma forma como aconteceria em uma cidade do interior.

Ao optar por intercalar a narrativa entre Paris e Portugal, devemos destacar, Peixoto possibilita que o leitor sinta saudade da vila, como se também um dia tivesse habitado aquele lugar, sentimento de falta que fica ainda mais evidente porque Adelaide aceita o seu destino sem muito questionar, assim como os personagens de *Nenhum Olhar*, publicado em 2000, ou mesmo *Cemitério de Pianos*, de 2006. Com este último, inclusive, *Livro* compartilha o breve momento em que certo personagem

constata que morreu, embora a sequência seja muito menos elaborada do que em *Cemitério de Pianos*.

Ainda sobre o sentimento de perda, que atravessa toda a obra, nota-se, no que diz respeito ao cenário de Paris, que Portugal jamais deixa de se fazer presente, do mesmo modo que a mãe de Ilídio. Portanto, ainda que alguns personagens morem em território francês, eles ainda vivenciam, ainda que na memória, questões de Portugal, tal como o governo salazarista ou a Revolução dos Cravos.

No entanto, o ponto central de *Livro* é mesmo o livro, princípio que, em certo momento da narrativa, vai além da imaginação de quem o lê. Na tentativa de não adiantar detalhes da trama, dizemos apenas que nesse instante um dos personagens começa a falar diretamente para o leitor, recurso conhecido no cinema e no teatro como romper com a quarta parede. Assim sendo, essa tentativa de diálogo entre leitor e personagem, que agora assume o lugar antes ocupado pelo narrador onisciente, é repleta de uma série de referências literárias, especialmente *Voyage au bout de la nuit*, de Louis-Ferdinand Céline.

Além das referências literárias, Peixoto, por meio do personagem, reflete sobre os recursos que envolvem a escrita, ao mesmo tempo em que tenta explorar ao máximo tudo o que o ato de escrever proporciona. Ele também tece alguns comentários sobre a trajetória de vida de nomes como Sylvia Plath, Emily Dickinson ou Aristóteles, da mesma forma como faria um amigo que cita curiosidades literárias ao longo de uma conversa informal.

Aliás, é essa busca em aproximar-se do leitor e ao mesmo tempo se distanciar dele que faz de *Livro* um livro sobre o livro. Nesse sentido, em certo ponto da narrativa, o personagem avisa: “levar-te a crer que podes saber tudo sobre mim, seria enganar-te²”. Afinal, não importa se o leitor sente-se próximo

² PEIXOTO, 2012, p. 266.

dos habitantes da vila sem nome ou até mesmo dos personagens que habitam a França, e acredita cegamente no que lhe é dito, todo aquele universo é uma construção de um narrador que pode ou não revelar tudo. Basta ele querer. E só.